

ANDRÉA del FUEGO

As Miniaturas

oneiro

O Edifício Midoro Filho fica no Centro.

Minha função é simples e trato direto com o público. Quando fui estagiário, o serviço era entregar as miniaturas ao oneiro. Nessa época eu podia escolher uma entre as dez que ficavam na gaveta: dinossauro, livro, escada, cobra, calculadora, carro, fechadura, sapato, corneta e uma abelha. Miniaturas escuras, com brilho de plástico novo.

O oneiro me dirigiu a mão para testar minha pertinência, entreguei a miniatura e ele a exibiu na cara de um sujeito sentado numa cadeira, boca e olhos fechados, o globo ocular dançando. Arrisquei a fechadura. Na sequência a abelha e a cobra. Os olhos foram se acalmando, levantou-se sozinho e saiu.

Isso havia sido um teste, o oneiro pediu que eu assinasse um papel e me encaminhou para a sala ao lado, eu estava sendo promovido. Hoje sou um oneiro, posso trabalhar sozinho, sem pitaco. Sala quadrada, teto branco, parede cinza, chão de lajota fria. Quanto mais rápido o serviço, mais pessoas atendemos, aumentando a diversidade de miniaturas na gaveta, significa mais letras do alfabeto para trabalhar.

É uma vantagem, você pode ir mais longe, embora ficar numa só letra também renda: padeiro, palha, pão, prisão, paraquedas, pavão, peixe, ponte, praia, porta, punhal, procição, pombo. Já insisti muito no M: mar, maçã, montanha, monstro, muro, monge, muleta e moeda.

O Edifício sugere o sonho usando o próprio, assim como a gramática usa palavra para falar da frase. Minha sala tem uma mesa estreita, cadeira onde me sento e outra na frente onde o sonhante se ajeita. O cara abre a porta sem dizer um a, agem sempre da mesma forma. Um dia perguntei ao gerente por que não deitávamos os sonhantes, já que seria uma posição mais confortável. Ele respondeu que eu cuidasse da minha parte.

Na minha gaveta há dezenas de miniaturas, sozinhas elas não funcionam, há o comando de voz, é preciso que eu diga uma frase-chave. Não se escolhe quem é atendido, o Edifício Midoro Filho faz uma triagem inicial. Calhou que eu atendesse uma mãe e seu filho, separadamente, é claro. Atendia a mãe uma vez por semana, o filho aparecia sempre.

A primeira frase que disse à mãe foi “casa com três janelas”.

– Casa da minha avó? – ela respondeu com a perna esticada, o olho espremido dentro da cara.

– Positivo – confirmei.

– Entro pela janela?

– Positivo.

– Por dentro ela é maior do que parece.

– Positivo.

A cada confirmação, um degrau adiante. O trabalho com

essa mãe é mínimo. Já com o filho preciso falar mais, sou obrigado a indicar todo o roteiro.

– Um copo – sugiro.

– E?

– Veja o que há nele.

– Nada.

– Coloque pedra de gelo – indico.

– Pedra?

Se o cara não conhece pedra, fica difícil. Sabe-se, pelos corredores, que doenças determinam os mesmos traços na família. Um herda o tom do outro, uma espécie de embrião de samambaia enfiado na terrinha da cabeça. Então é possível que ele alcance a mãe na agilidade. A conferir.

Lembro de cada um que passa nessa sala, consulto-me por um índice mental. Basta um substantivo e a informação corre numa esteira. Relaciono a frase à pessoa, posso descrever os corpos que sentaram na minha frente. Embora imóveis, ninguém está parado, há uma concentração que faria fogo.

Não temos acesso ao histórico de cada sonhante. Se bem que, com alguma observação em sala, eu faria um longo perfil, mas isso que vemos são frestinhas, nunca um dado é completo.

Há uma biblioteca, ela abriga catálogos de miniaturas já produzidas. Está tudo lá, são arquivadas informações saídas dos relatórios que enviamos aos bibliotecários. Dados obtidos pelas respostas dos sonhantes às frases-chave ditas por nós em sala. Os relatórios são feitos a partir delas e novas miniaturas são geradas. Não é preciso anotar assim que o sonhante sai da sala, temos memória larga. Eu, por

exemplo, faço quinzenalmente. A biblioteca não possui livros explicativos, é só um inventário.

Logo que Napoleão Bonaparte morreu, nos foi permitido oferecer sua imagem aos sonhantes. A miniatura era seu chapéu. No caso de uma figura coletiva, seus dados não são mais preservados, pudemos conhecer seu relatório: um rato, um bule, um obelisco egípcio. Já na meia-idade, os dados descreviam uma mulher pedinte, metade de um pão, jornal com a tinta desgastada, um cobertor fino e uma observação: ver sonhos de sua mãe.

Em frente ao Edifício Midoro Filho dorme um casal, vejo daqui as pernas de um sobre o outro, mal anoitece eles tomam banho na fonte da praça que está desligada, com água velha. De vez em quando olham para cá, parece que vão falar comigo, mas, sendo o Edifício espelhado, estão é vendo se vai ou não chover pelo reflexo das nuvens. Gosto de olhar pela janela, ver as pessoas passando lá embaixo, cruzando a praça, entrando na catedral, outras fazendo xixi na grama, gente vendendo uma calça jeans que achou no lixo, zelador de prédio comendo milho cozido.

Nunca me apeguei a nenhum sonhante, até que mãe e filho apareceram. O problema é o parentesco, fiquei intrigado com a corda entre eles. Cortar esse vínculo entre os dois foi minha primeira vontade, mas quebrar a relação não tiraria a semelhança dos rostos. Sexo e idade distintos em duas caras, sendo que uma era causa da outra. Como o Edifício Midoro Filho não permite que um oneiro atenda duas pessoas da mesma família, ser testemunha dessa falha me deixou irritado. Na última vez que estive com a mãe, perdi a concentração.

- Um relógio – propus.
- Que tamanho?
- Um que cubra dois punhos.
- É uma gorda?
- Uma gorda – confirmei.